

# De Grupo a Processo Grupal: análise da produção de Silvia Lane

*From group to group process:  
analysis of Silvia Lane's production*

*De grupo a proceso de grupo:  
análisis de la producción de Silvia Lane*

*Eliane Pereira\**

## Resumo

*Este artigo tem como objetivo descrever como a temática grupos atravessou a produção de Silvia Lane, a partir da análise de textos publicados e não publicados da autora, assim como as teses e dissertações por ela orientadas. Foram analisados treze textos, entre artigos, entrevistas e capítulos de livros e sete dissertações/teses. Conclui-se que as compreensões de Lane sobre o processo grupal e a importância de que toda análise de grupos compreenda o contexto no qual um grupo está inserido, assim como, reflexões sobre identidade, poder, significado e afeto influenciaram seus orientandos, que inicialmente pesquisaram grupos com base em Kurt Lewin e logo passaram a pesquisar a partir de Pichon, Baró, Leontiev e Vigotski.*

**Palavras-chave:** *Processo Grupal; Psicologia Sócio-histórica, Análise Documental.*

## Abstract

*The aim of this article is to describe how the theme of groups has permeated Silvia Lane's work, based on an analysis of her published and unpublished texts, as well as the theses and dissertations she has supervised. Thirteen texts were analyzed, including articles, interviews and book chapters, and seven dissertations/theses. The conclusion is that Lane's understanding of the*

---

\* Universidade Federal de Uberlândia MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6372-9059>  
E-mail: [pereira.elianeregina@gmail.com](mailto:pereira.elianeregina@gmail.com)

*group process and the importance of any analysis of groups understanding the context in which a group is inserted, as well as reflections on identity, power, meaning and affection influenced her students, who initially researched groups based on Kurt Lewin and then moved on to research based on Pichon, Baró, Leontiev and Vygotsky.*

**Keywords:** *Group Process; Sociohistorical Psychology, Document Analysis.*

## Resumen

*Este artículo tiene como objetivo describir cómo el tema de los grupos ha impregnado la obra de Silvia Lane, a partir de un análisis de sus textos publicados e inéditos, así como de tesis y disertaciones guiadas por ella. Se analizaron trece textos, entre artículos, entrevistas y capítulos de libros y siete disertaciones/tesis. Se concluyó que la comprensión de Lane sobre el proceso grupal y la importancia de que cualquier análisis de grupo comprenda el contexto en el que se inserta un grupo, así como las reflexiones sobre identidad, poder, significado y afecto, influyeron en sus alumnos que inicialmente investigaron grupos basándose en Kurt Lewin y luego pasaron a investigaciones basadas en Pichon, Baró, Leontiev y Vygotsky.*

**Palabras clave:** *Proceso Grupal; Psicología Sociohistórica, Análisis de Documentos.*

Silvia Lane tinha estilo. Para ela, a psicologia era porta de entrada para discutir filosofia, política, arte. Caminho para construir um sujeito íntegro, consciente de seu papel na formação e transformação da vida individual e coletiva. Silvia Lane acreditava num homem em movimento constante, por isso valorizava a imaginação e a utopia. (CFP, 2012).

É com essa definição que o Conselho Federal de Psicologia inicia seu documentário sobre Silvia Lane. Já é sabido, que Lane foi uma importante pesquisadora, com um trabalho muito relevante à Psicologia Social Brasileira e latino-americana, preocupada em construir uma psicologia comprometida em transformar a realidade da população. (Sousa, 2008). Suas pesquisas circularam sobre diversos temas, como Consciência, Representação Social, Emoção, Educação, Trabalho, Política, Identidade, Poder, Criatividade, Teoria, Violência e Grupos.

Grupos ou Processos Grupais, como ela defende, é tema de interesse desde meados da década de 60. Lane inicia seus estudos sobre grupos acompanhando a teoria de Kurt Lewin. Na sequência, circula por outros

autores, entre eles Pichon-Rivière, mas assim que acessa o trabalho teórico de Martin-Baró e, principalmente, seu livro *Sistema, Grupo y Poder*, é influenciada pela leitura, o que aprimora o caminho das pesquisas, que passam a refletir sobre grupos, não mais como grupo tarefa, mas como processo dialético e histórico.

Este artigo objetiva apreciar como o processo grupal foi entendido nas discussões propostas por Lane, a partir da análise dos textos produzidos por ela e das dissertações e teses defendidas por seus orientandos.

## MÉTODOS

Pimentel (2001) escreve que “estudos baseados em documentos como material primordial, sejam revisões bibliográficas, sejam pesquisas historiográficas, extraem deles toda a análise, organizando-os e interpretando-os segundo os objetivos da investigação proposta” (p.180). Nossa pesquisa teve como objetivo conhecer a produção sobre grupo/processo grupal realizada pela Professora Silvia Lane.

Iniciamos, para isso, uma análise documental da atuação e da produção da professora Silvia Lane sobre a temática grupos, com a leitura de duas teses: “Silvia Tatiane Maurer Lane: dissertações e teses orientadas no programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social na PUC SP – uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil” de Esther Alves de Sousa, defendida no ano de 2008 e, “Por uma Psicologia Social Brasileira: Silvia Tatiane Maurer Lane” de Célia Maria Marcondes Ferraz Silva, defendida em 2012. Ambas as teses, apesar de objetivos específicos diversos, apresentam um histórico de produção de orientações, artigos e livros de Lane que contribuíram efetivamente para o fortalecimento de uma Psicologia Social Brasileira.

Sousa (2008) descreve que o “conjunto da obra de Silvia Lane é composto de quatro livros, 24 capítulos e apresentação de livros, 29 artigos em periódicos, quatro entrevistas e 12 publicações em Anais de Congresso”. (Sousa, 2008, p. 28), além de 70 orientações de teses e dissertações. Quanto à temática, a autora esclarece que Lane circulou por diversos temas. Como

o tema “grupo/processo grupal” nos interessava, passamos a investigar o material apresentado nas teses que nos levasse a entender o pensamento e a obra de Lane sobre essa temática.

Sobre grupos, Sousa (2008) escreve que Lane orientou 07 (sete) dissertações e teses. A partir dessa informação, nosso segundo passo foi feito na biblioteca da PUC-SP. Nessa etapa, acessamos as dissertações e teses:

**Tabela 1.** *Lista de teses e dissertações sobre grupos, orientadas por Silvia Lane*

Teses e Dissertações			
Ano	Autor	Título	
1974	Renate Meyer Sanches	Atmosfera de pequenos grupos autocracia e democracia: dois estilos de liderança e socialização.	Dissertação (Mestrado)
1978	Carlos Peraro Filho	Conflito no Grupo: segundo a teoria de campo de Kurt Lewin.	Dissertação (Mestrado)
1988	Carlos Peraro Filho	O processo grupal como condição de ensino e conscientização.	Tese (doutorado)
1989	Monica Haydee Galano	Todos somos iguais (Só que alguns são mais iguais do que outros): Relações de poder e afeto num pequeno grupo.	Dissertação (Mestrado)
1994	Monica Haydee Galano	O sistema categorial: um modelo de análise dos grupos sob o paradigma da complexidade.	Tese (doutorado)
2000	Marcos Vieira Silva	Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações.	Tese (doutorado)
2002	Cecília Carmen Jacinto Andrade	Mediações afetivas num grupo empresarial: um estudo de caso.	Tese (doutorado)

Fonte: A autora

Sousa (2008) ainda apresenta, no apêndice, uma lista completa com as produções de Lane. Com base nesse apêndice, identificamos um (01) capítulo de livro “O Processo Grupal” e dois (02) artigos “Processo Grupal Na Perspectiva de Ignácio Martin-Baro: Reflexões Acerca de Seis Contextos Concretos” e “Uma análise dialética do processo grupal”, os quais precisávamos analisar e que foram também acessados na referida biblioteca.

A leitura da tese de Silva (2012) nos indicou outros caminhos para a pesquisa. A autora destaca um texto não publicado, escrito por Lane, um pouco antes de sua morte, intitulado “Caminhos Percorridos”. Na busca desse e de outros textos, acessamos o acervo sobre Silvia Lane arquivado na Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg sediada na PUC-SP. Nossa busca nos permitiu acessar cinco<sup>1</sup> (05) textos não publicados que compuseram o corpus de análise: “Caminhos percorridos”, “Por que caminhos percorridos?” “O caminho dos sentimentos no grupo: Uma experiência de processo grupal registrada pela câmera de vídeo”, “Trabajo em comunidade y proceso grupal”, “Recherches sur processus grupale”.

Com base nas leituras realizadas, acessamos novamente a biblioteca a fim de pesquisarmos outros textos que auxiliassem no processo de análise sobre grupos, mesmo que esse não tenha sido o tema específico de algum texto acessado.

Após toda essa etapa de garimpagem, iniciamos a análise.

## O caminho percorrido: análise a partir da produção de Lane e de seus orientandos

O curso de Psicologia Social, que se inicia no segundo semestre de 1972, tinha então duas disciplinas oferecidas pelo próprio programa: Psicologia Social (Karl Scheibe) e Pesquisa Intercultural (Aniela Ginsberg). No ano seguinte, Silvia Lane já tendo seu doutorado oferece duas disciplinas: Psicologia da Linguagem e Pequenos Grupos. (...) A disciplina sobre pequenos grupos envolvia a elaboração de um projeto de intervenção a partir de alguma das teorias estudadas e passou a ter *Sistema, grupo y poder*, de Ignacio Martin-Baró, como leitura obrigatória após a sua publicação. (Carvalho, 2014, p. 80).

Silvia foi aluna do curso de Filosofia da USP, entre 1952 e 1956. Nas aulas, foi apresentada a Marx, Lewin, Kofka e Piaget, autores que a acompanharam por anos, como professora e pesquisadora. Em 1965 ingressou

---

1 Sabemos de outros três textos não publicados, com a temática processo grupal, mas infelizmente não conseguimos acessá-los. (Homenagem a Martin-Baró, Tentativa de análise de vídeos de Processo Grupal, Todo Agrupamento Humano pode vir a ser uma Comunidade).

como professora na PUC-SP, em 1972 ajudou a criar o curso de Pós-Graduação em Psicologia dessa mesma instituição e, logo após a defesa de seu doutorado, passou a compor o quadro de professores. Já na década de 60, interessa-se por pesquisas sobre o “processo grupal” inicialmente a partir da obra de Kurt Lewin. (Sawaia, 2002).

O tema “processo grupal” e Kurt Lewin como autor de referência são adotados por dois de seus mestrandos, Renate Sanches em 1974 e Carlos Peraro Filho em 1978. Sanches defende a dissertação intitulada “Atmosfera de pequenos grupos autocracia e democracia: dois estilos de liderança e socialização” e Peraro Filho defende a dissertação intitulada “Conflito no Grupo: segundo a teoria de campo de Kurt Lewin”. Ambos propõem experimentos com grupos e objetivam verificar a viabilidade da teoria de Kurt Lewin no estudo dos pequenos grupos.

A dissertação de Sanches (1974) versava sobre “grupos e tipos de liderança” e para a defesa propôs uma situação de experimento natural, em que se cruzaram vários tipos de liderança e de socialização entre os membros. O trabalho teve como objetivo trazer uma contribuição para a questão da liderança democrática, contraposta à liderança autocrática. A Teoria de Campo, de Kurt Lewin, norteou todo o trabalho, discutindo temas como: estilo de vida, socialização e aprendizagem, sistema de crença-descrença, atmosfera e liderança. Para aprimorar a discussão, a autora utilizou ainda os estudos de Lippitt e White sobre o tipo de atmosfera que resulta de um ou de outro tipo de liderança.

Sanches (1974) discute tipos de liderança e tipos de socialização dos membros do grupo e, conclui que a atmosfera do grupo é resultado de fatores como tipo de liderança e o tipo de socialização de seus membros. Segundo Sanches (1974), não basta um líder democrático para que se alcance o bem-estar do grupo, é preciso pensar modelos de socialização, pois os indivíduos socializados autocraticamente esperam uma tarefa definida para funcionamento do grupo e sua satisfação está relacionada à tarefa em si, enquanto os socializados democraticamente procuram satisfazer suas necessidades ligadas tanto a tarefa quanto a questões afetivas. Com isso, a autora defende que é preciso rever os objetivos propostos no “treino de líderes, preocupando-se também com os tipos de socialização oferecidos.

Peraro Filho (1978), baseado na Teoria de Campo de Kurt Lewin, explicita conceitos como grupos cooperativos e competitivos, além de detalhar tipos de conflito. Para alcançar seu objetivo de “aplicar e validar os conceitos de Kurt Lewin para a psicologia dos pequenos grupos” (p. 58), o autor dividiu os grupos em subgrupos e propôs um experimento. Sobre o experimento, o autor descreveu que os grupos I e II foram considerados grupo controle e o grupo III considerado grupo experimento. Para o grupo I e seus subgrupos foi introduzida uma variável para provocar uma dinâmica cooperativa, no Grupo II e seus subgrupos foi introduzida uma variável para provocar uma dinâmica competitiva e no grupo III, diferentemente, o subgrupo IIIa foi introduzida uma variável para provocar uma dinâmica competitiva, enquanto no IIIb foi introduzida uma variável para provocar uma dinâmica cooperativa.

Como resultados, Peraro Filho (1978) expôs que no grupo I as forças do objetivo de grupo foram mais intensas que as forças individuais, dessa forma não foram promovidas barreiras individuais e o grupo trabalhou para alcançar o objetivo de grupo. No grupo II, a dinâmica competitiva fez surgir barreiras individuais que dificultaram o alcance do objetivo do grupo, mas, apesar disso, o grupo alcançou o objetivo proposto. Por fim, o grupo III, não alcançou o objetivo do grupo, isso porque o subgrupo IIIa, cuja variável era uma dinâmica competitiva se tornou barreira para o grupo IIIb, cuja variável era uma dinâmica cooperativa, e esse, sufocado pela barreira imposta pelo primeiro, se retirou do “campo”, ou seja, houve um desinteresse e uma apatia que foram assumidos por todo o subgrupo, o que levou ao não alcance dos objetivos.

Peraro Filho conclui que a teoria de campo de Kurt Lewin se aplica ao estudo dos pequenos grupos, defendendo juntamente com o autor de referência - Lewin - que os grupos competitivos são mais propensos a negar a participação individual, pois seus membros tentam falar/verbalizar muito frequentemente também sem sucesso.

Fica evidente que, apesar de Lane se questionar sobre liderança, coesão grupal e toda a teoria de papéis proposta por Lewin, nesse período

a crítica ainda é incipiente e seus orientandos baseiam suas pesquisas e defendem as ideias Kurt Lewin. Em entrevista cedida em 2000, para o jornal de Psicologia do CRP São Paulo, Lane nos ajuda a compreender.

Eu dava aulas na graduação, meio insatisfeita. Desenvolvíamos pequenas pesquisas (...) esperando que eles conseguissem dizer: A teoria não está funcionando, não está valendo para nós. Mas eles pegavam da realidade aquilo que convinha e davam exemplos da teoria. Eu disse: assim não é possível, assim não está certo. Uma crítica mais sistemática precisava ser feita, mas não podia ser com os alunos da graduação. (...) (Lane, 2000, p. 1)

Essa crítica mais sistemática foi sendo construída a partir de uma proposta de intervenção comunitária e depois fortalecida na disciplina “Pequenos Grupos” oferecida na pós-graduação.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, Lane se encontrou com Mario Golder da Universidade de Buenos Aires e com Fernando González Rey da Universidade de Havana e iniciou um estudo das obras ainda inéditas no Brasil de Vigotski e Leontiev (Sawaia, 2002), as quais passam a influenciar diretamente seu trabalho.

Lane (1978), no texto “Uma prática do Psicólogo Social numa área chamada clínica” apresenta rapidamente um trabalho clínico de prevenção realizado com a população operária que, naquele contexto, apresentava sofrimento psíquico intenso. Questionando-se sobre “o que ocorre antes da loucura?” (p.177), foi realizado um levantamento de informações relacionadas à população para, posteriormente, propor uma intervenção. A autora inicia o texto chamando atenção para a denominação “psicólogo social”. Segundo ela, essa categoria não deveria existir, uma vez que o psicólogo na escola, na clínica, nas organizações precisava de uma compreensão social, precisava resgatar a dimensão histórica do homem, assim como compreender o social presente em cada sujeito. Desse modo, portanto, ela defende que toda psicologia é social.

Dois anos depois, Lane (1980a) escreve mais detalhadamente essa experiência e começa esclarecendo que o que antes chamavam de trabalho preventivo agora preferia chamar de educativo. A autora esclarece a proposta: a) a partir da necessidade e dos problemas manifestados pela

população, propuseram como intervenção, discussões em grupo, estimulando uma análise da realidade social; b) os coordenadores jamais propunham soluções, mas estimulavam os grupos a construir projetos de ação; c) buscavam desenvolver a autonomia da comunidade, como consequência do desenvolvimento da consciência social e política. Neste texto, Lane esclarece que esse trabalho fez nascer a disciplina “Pequenos Grupos” oferecida na pós-graduação, uma vez que, insatisfeitos com os modelos tradicionais que explicavam pequenos grupos, estudiosos buscaram uma análise materialista e dialética do grupo, partindo de quatro (04) premissas: 1) é preciso captar o processo histórico do grupo; 2) o grupo tem sua existência determinada por sua inserção na totalidade social e historicamente dada; 3) o processo grupal é dialético e suas contradições refletem as contradições da sociedade; 4) o grupo não é situação dicotômica ao indivíduo, ao contrário, é uma condição necessária para sobrevivência dos indivíduos. Segundo Lane (1980a), os alunos tinham duas tarefas nessas aulas: observar um grupo e discutir em sala as observações. Nestas discussões passaram a compreender que nem os objetivos nem as tarefas eram fundamentais para compreender o processo grupal. Ambos criavam condições para que as pessoas se agrupassem, mas para compreender o processo era necessário investigar as histórias de vida a fim de entender as motivações dos sujeitos para se vincularem ao grupo. Além disso, era necessário compreender os papéis que os sujeitos executavam nos grupos, ou seja, como se dava sua participação. Apesar de se confundirem, a autora destaca que a participação e a produção grupal são duas categorias distintas de análises. A participação está mais ligada ao papel dos membros no grupo e a produção pensada como o aspecto coletivo que constitui o grupo. A autora destaca ainda que, num primeiro momento, o grupo é condição para o desenvolvimento da individualidade e, num segundo momento, o grupo é condição para a superação da individualidade, quando as semelhanças históricas de seus membros se sobrepõem às diferenças e o produto do grupo acaba por ser ação transformadora.

Esse trabalho foi importante para reforçar a crítica que estava sendo feita às teorias de grupo e, nesses dois textos, Lane enfatiza o caráter histórico do grupo, defendendo-o como condição necessária para a sobrevivência

do indivíduo. A autora passa a defender uma nova compreensão sobre a teoria dos papéis, entendida agora como reflexo das condições sociais nas quais o grupo está inserido.

Ainda em 1980, Lane escreve o texto intitulado “uma redefinição da Psicologia Social” e nele a autora afirma a necessidade de uma revisão de todo o sistema conceitual, para que o psicólogo não mais explique comportamentos pelas propriedades dos agentes, mas pelos processos sociais dos quais eles fazem parte. Neste texto, ainda, Lane (1980b) nos oferece duas reflexões sobre os grupos: primeiro

o grupo social não pode ser visto como uma entidade isolada, nem seus processos serem analisados como realidades em si. A formação, manutenção e extinção de grupos só podem ser compreendidos como condição necessária para a manutenção das relações sociais, através das quais necessidades são satisfeitas pela produção, só atingidas com a cooperação entre os homens. (p. 98-99)

Segundo,

quando se estuda o grupo social e este é definido pela interdependência entre seus membros, por um objetivo comum, pela diferenciação de papéis, pela presença ou emergência de uma liderança, caberia ao psicólogo social questionar (e responder): a) como surgiu o objetivo comum (...) b) A diferenciação de papéis não estaria reproduzindo relações sociais já definidas (...) c) a liderança não seria uma forma de reprodução de dominação considerada, ideologicamente, necessária para a preservação da sociedade (...). E, sem dúvida, surge a questão quanto às técnicas de dinâmicas de grupo que não visam, antes de qualquer coisa, adequar, ajustar os indivíduos e o grupo às condições existentes, impedindo o desenvolvimento de uma autonomia do grupo, decorrente do confronto entre os indivíduos (...) (Lane, 1980b, p. 101).

Ambos os textos de 1980 se completam nas discussões sobre grupos, evidenciando neles uma compreensão histórica dos sujeitos e dos grupos e uma atualização dos conceitos e das compreensões de Kurt Lewin, como teoria dos papéis e, principalmente, o papel do líder no grupo.

Em 1981, Lane escreveu o artigo “Uma análise dialética do Processo Grupal”, que foi revisado e publicado no livro *Psicologia Social o homem em movimento*, em 1984, sob o título “O processo grupal”. Lane (1984) inicia

o capítulo fazendo um registro de vários autores que estudaram grupos, começando por Kurt Lewin, passando por Horkheimer e Adorno, Loureau, Lapassade e Pichon-Rivière. Para cada visão de grupo, Lane propõe uma análise dialética, apresenta críticas a aspectos que considera a-históricos e aproveita o que considera importante. Após a revisão, a autora indica algumas premissas que considera fundamentais para conhecer o grupo: 1) o grupo precisa ser analisado dentro de uma perspectiva histórica que considere sua inserção na sociedade; 2) o grupo deve ser conhecido como processo, sendo correto chamar de processo grupal e não grupo.

Dessas premissas decorre que todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, reproduz a ideologia, que, sem um enfoque histórico, não é captada. (Lane, 1984, p. 81-82).

Nesse capítulo, ainda, Lane propõe pontos de análise do indivíduo inserido no processo grupal. Segundo a autora, é preciso partir da compreensão de que o indivíduo é sempre alienado, o que exige dois níveis de análise: um, da vivência subjetiva, marcado pela ideologia do indivíduo livre e outro da realidade objetiva, no qual as ações concretas acontecem e que reproduz o sistema, e as relações dominador-dominado. O segundo ponto de análise diz respeito à compreensão de que todo grupo faz parte de um ou mais grupos maiores e, portanto, a análise exige uma compreensão do tipo de inserção deste grupo, em outros grupos. Terceiro ponto diz respeito à importância das histórias de vida individuais. No quarto ponto, a autora propõe uma compreensão do desempenho dos papéis, entendendo que nesse momento “podem emergir os processos de oposição, negação, contradição, negação da negação, que constituem qualquer processo dialético” (Lane, 1984, p. 86).

Por fim, a autora nos convida à reflexão da importância do grupo “como condição para que o homem supere a sua natureza biológica e também condição para que ele supere a sua natureza ‘individualista’, tornando-se um agente consciente na produção da história social”. (Lane, 1984,

p. 90). Esse é com certeza um dos textos mais importantes de Lane. Uma escrita elaborada sobre o que chamou de processo grupal e uma proposta de análise desse processo, já iniciada nas reflexões dos textos de 1980.

Lane (s/d)<sup>2</sup> escreve que a psicologia social precisa trabalhar com os indivíduos em sofrimento, nos grupos e nas instituições e que é preciso intervir sobre ambos. Isso, por sua vez, exige um saber fazer cada vez mais eficaz, uma intervenção sobre os processos de conscientização, com ações que de fato possam mudar o curso da história. A autora enfatiza que o homem é antes de tudo um ser social e, portanto, não pode ser compreendido fora do seu contexto histórico, social e cultural, assim, como da história dos grupos ao qual ele pertence. Segundo Lane (s/d), dizer que o homem é social é afirmar que ele tem determinações fundamentais: a) para sobreviver precisa de outras pessoas, precisa estar em grupos; b) para ser membro de um grupo precisa se comunicar; c) sua fala, suas ações e seu comportamento dependem do que pensa e do que sente; d) para sobreviver deve ser ativo e (re) produzir sua própria vida.

Nesse texto ainda, Lane apresenta algumas categorias para análise dialética dos processos grupais. Primeiro: há uma clara diferença entre o objetivo do grupo e a produção do grupo, posto que o objetivo é fundamental para reunir as pessoas, mas não é o motivo para a continuidade no grupo. Essa, por sua vez, depende da produção do grupo e do sentido que esse representa frente a outros grupos. Segundo: submissão dos membros do grupo a uma pessoa do grupo, quase sempre a pessoa mais velha. Mesmo nos grupos ditos democráticos, a submissão se apresenta em forma de apoio, em que a maioria concorda com os posicionamentos do membro mais velho sem análise crítica do que é proposto. Terceiro: foi identificado o não-grupo, no qual as pessoas se reúnem com frequência, conversam, mas a relação entre elas não se altera.

Com base nas observações, a autora afirma que a produção em grupo implica em participação ativa de todos os seus membros, caracterizada pela

---

2 Este artigo, apesar de não ser datado, foi identificado com data próxima a 1987, uma vez que nele a autora cita a pesquisa de mestrado ainda em andamento de Sueli Terezinha Martins, defendida em 1987, intitulada “Desenvolvimento da consciência do militante político: elementos para uma análise”.

comunicação e pelo desenvolvimento dos papéis. Sobre os papéis, Lane (s/d) destaca a função ideológica deles associada à redução do conflito. Segundo a autora, em quase todas as observações fica evidenciado que o conflito não apresentava a contradição, mas era logo amenizado, suprimido e ela afirma que os diferentes papéis são responsáveis por esse movimento. Por fim, nesse texto Lane reafirma a premissa de que o grupo é condição necessária para que haja individualização, mas também é condição para o desenvolvimento da consciência social. Como podemos acompanhar, nesse texto Lane aprimora ainda mais as reflexões já iniciadas, definindo que, para produzir, o grupo precisa de uma participação ativa de seus membros. Aprimora também sua compreensão sobre a teoria dos papéis, que aqui não só reproduzem a ideologia como também visam reduzir os conflitos, amenizar as contradições, o que nos permite entender que compreender os papéis reproduzidos no grupo é fundamental para uma compreensão dos conflitos que precisam ser trabalhados, dos conflitos que precisam ser pensados.

As leituras e as discussões feitas na disciplina Pequenos Grupos e os estudos de Vigotski e Leontiev passam a influenciar diretamente as orientações de Lane. Após dez (10) anos da defesa de mestrado, Carlos Peraro Filho defendeu seu doutorado, intitulado “O processo grupal como condição de ensino e conscientização” novamente tendo como foco o grupo. Dessa vez, Peraro Filho (1988) se baseia na teoria de Leontiev – não mais Kurt Lewin – e, com base nesse autor, explicita conceitos como atividade objetivada, consciência, personalidade, motivos, necessidades e emoções. O autor, que nessa época supervisionava estágio em Psicologia do Trabalho, objetivava encontrar uma forma de supervisão de estágio que oferecesse condições ao futuro psicólogo de pensar o trabalhador como homem concreto, entendendo o trabalho como atividade produtiva, objetivada e orientada por necessidades igualmente objetivadas e analisar em que medida ocorrem transformações na consciência de estagiários. O autor descreve uma cadeia de ações construídas na atividade de supervisão em grupo e entende que as ações que compõem essa cadeia produtiva constituindo-se constituíram durante o processo grupal, defendendo uma ideia de participação grupal efetiva. Essa cadeia de ações foi entendida, ainda, como produto do processo grupal, como produção de um saber, uma vez que elas foram construídas

pelo grupo no processo de supervisão. Outro aspecto apresentado, diz respeito à relação entre os membros do grupo, entendendo que entre os estagiários a relação é horizontalizada enquanto a relação entre supervisor e estagiários, vai se transformando ao longo do tempo, sendo inicialmente uma relação de subordinação dos estagiários para com o supervisor, os quais, no decorrer do processo, passam a compreender o supervisor como facilitador do processo. No nível das transformações, Peraro Filho (1998) defende, com base em Leontiev, que a apropriação da atividade fundamentou a formação da consciência e, assim, o grupo de estagiários passa a perceber cada um ali presente como sujeitos de transformação, defendendo um trabalho do psicólogo nas organizações não restrito à execução de técnicas (treinamento, seleção...) mas entendendo a necessidade de se relacionar com os trabalhadores e construir com eles soluções para seus problemas concretos no trabalho.

É importante salientar que, tanto no mestrado quanto no doutorado, Peraro Filho trabalhou com grupos concretos. No mestrado ele organizou um experimento e no doutorado analisou seu grupo de estagiários em processo de supervisão. No mestrado, buscou validar os conceitos de Kurt Lewin, no doutorado, diferentemente, investigou como a apropriação da atividade em si, produzida pelo e no grupo, possibilitavam a produção de uma consciência crítica.

Seguindo nossa reflexão, em um artigo de 1989, Lane descreveu uma série de considerações sobre a psicologia social e destacou a importância da emoção. Nesse artigo, a autora aponta alguns dos resultados da pesquisa sobre grupos, de Monica Galano, e afirma que ela

detecta toda uma tessitura de mitos, afetos e ideologia que permeiam as relações entre os membros de forma inconsciente impedindo que emoções negativas aflorem com clareza à consciência – o que representaria a morte do grupo e o fim de uma atividade conjunta. (Lane, 1989, p. 154).

Em 1989, Monica Galano, orientanda de Lane, defendeu o mestrado intitulado “Todos somos iguais (Só que alguns são mais iguais do que outros): relações de poder e afeto num pequeno grupo”. Galano (1989) objetivava criar uma forma de apreender o fenômeno grupal visto como

sistema organizativo complexo, em contínuo movimento. A autora iniciou seu trabalho com um longo apanhado histórico sobre grupo, mas optou por detalhar os conceitos de Pichon a partir da compreensão de grupos operativos, descrevendo grupo tarefa e tipos de coordenação. A “linha pichoniana foi o ponto de partida de trabalho e pensamento. Porém, peculiaridades do grupo obrigaram a tecer estratégias, criar espaços de ação reflexão, descobrir mediadores, metaconceitos que permitissem uma descrição mais detalhada e completa do filigrama das relações” (p. 54). O trabalho foi realizado em um grupo feminista que tinha como objetivo desenvolver um projeto ambulatorial para mulheres, de atendimento e ensino de técnicas de autoexame ginecológico e criação de um grupo de reflexão sobre os diversos temas da problemática feminina.

É importante destacar, como Galano enfatiza, o conceito de emoção como ponto chave para a composição do grupo e para a compreensão das relações grupais.

Ainda em 1989, Martin-Baró publica a obra *Sistema, grupo y poder*, e essa passa a ser a referência principal da disciplina *Pequenos Grupos*. Leitura obrigatória a todos os alunos, a obra de Baró dá novos rumos aos textos de Lane e de seus orientandos.

Em 1994, Galano defendeu seu doutorado “O sistema categorial: um modelo de análise dos grupos sob o paradigma da complexidade”. Nessa obra, a pesquisadora apresentou um apanhado histórico sobre grupos e definiu cinco (05) categorias: ideologia, poder, afeto, emoção e mito, embasada em Martin-Baró e Pichon Riviere. Além disso, relacionou a teoria da complexidade de Morin com a discussão sobre ideologia e discurso de Bakhtin. Para alcançar os objetivos, a autora coordenou dois grupos que se encontravam em momentos diferentes de vínculo com a instituição que a convidou para a coordenação. Esses grupos foram filmados para que fossem analisadas as imagens e os discursos produzidos nesse espaço. Foram 16 encontros com cada grupo, sendo eles organizados de modos diferentes. O grupo A ganhou um formato mais reflexivo, com espaço para que os integrantes falassem de questões pessoais, o grupo B ganhou o formato de grupo operativo.

Neste trabalho, Galano (1994) critica a necessidade de definir o que é grupo, enfatizando que o maior problema da definição se encontra naquilo “que elas deixam de fora. (...) Para isso precisamos falar de processos. E processos são movimentos com base em interligações, interações, entrecruzamentos”. (p. 48-9). A autora continua enfatizando a importância de analisar o processo, uma vez que todo grupo está inserido em um contexto sócio-histórico que define as condições materiais de sua existência e, assim, interferem no cumprimento de tarefas, objetivos, metas, missão, interferem, portanto, na produção grupal. Galano (1998) dá ênfase aos processos dialógicos que constituem o grupo, entendendo que “o que as pessoas dizem de si mesmas e dos outros, o que dizem que acontece, o que dizem que fazem, o que dizem que sentem (...) abarcam e sintetizam pensamentos, sentimentos e ações em relação ao grupo e seus membros (...)”. (p.126). A autora destaca ainda que a interação procurou incentivar o grupo a falar sobre seus medos e desejos, e “mais do que interpretações, existiam perguntas ou colocações que eram devolvidas para o grupo pensar, comentar e refletir” (p. 128).

Nesta tese, ficou evidente que as reflexões de Lane sobre processo grupal e sua análise sustentaram as reflexões de Galano.

Em 1996, Lane destaca em entrevista a importância do grupo para a formação da consciência e do processo de desalienação. Ela afirma que no grupo, no encontro com o outro, os homens extrapolam suas diferenças e se identificam, na medida em que são sujeitos de processos de determinações iguais.

Lane e Freitas (1997) propõem uma análise dos processos grupais a partir de Martin-Baró. As autoras enfatizam três fenômenos: a) a identidade de grupo – que não pode ser entendida como algo estático; 2) o poder - que se manifesta em diferentes recursos que podem ser utilizados para o estabelecimento das relações; 3) o significado social – que é o modo como o produto da ação do grupo é percebido por outros grupos sociais e instituições.

O surgimento do grupo depende, dessa maneira, de alguma forma de consciência social, condicionada pelas condições objetivas de que dispõe, enquanto que a sua manutenção e a sua sobrevivência dependerão do poder

que obtenha nas relações que estabeleça, em termos de garantir a posse dos recursos necessários para poder imprimir alguma influência social na direção dos seus interesses. (Lane e Freitas, 1997, p.295).

Neste texto, sustentadas por Baró, as autoras acrescentam a discussão de poder e significado às discussões já feitas anteriormente. Lane até esse momento não fala em identidade de grupo, mas essas reflexões estão presentes em seus textos quando fala do grupo como espaço de identificação e diferenciação que permite ao indivíduo saber quem é, por que está no grupo e, assim organizar-se para alcançar algum tipo de transformação social.

Lane<sup>3</sup> (1998) reafirmam, em texto intitulado “O caminho dos sentimentos no grupo: Uma experiência de processo grupal registrada pela câmera de vídeo” que o “grupo se constitui quando todo mundo é capaz de realizar as tarefas do grupo”, (p.02) ou quando as relações se modificam, se alteram. Essas reflexões já haviam sido feitas em textos anteriores. O que esse texto tem de novo é a ênfase na afetividade.

Os autores discutem ainda o papel da afetividade na tomada de consciência, entendendo que, sem afeto, a compreensão do problema é apenas racional. Sobre o papel do coordenador, indicam a importância de ele provocar a reflexão, não é de sua competência dar respostas ou soluções ao grupo, mas mobilizar o grupo para a ação e, nesse grupo, especificamente, Lane, como coordenadora, faz uma simples pergunta “o que vocês estão sentindo?” (p. 08). Os autores afirmam ainda que é fundamental perceber que angústia e frustração não são sinônimos de fracasso, mas, ao contrário, são aberturas para a autonomia. E discutem, ainda, que o grupo tem papel fundamental no resgate das individualidades, entendendo que é preciso pensar o grupo como espaço de reconhecimento das individualidades, das diferenças e semelhanças entre os sujeitos.

Em 2000, Silva defende seu doutorado intitulado “Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações” com o objetivo de investigar o processo grupal em grupos

---

3 Apesar de não indicar o nome dos autores, o texto indica que foi construído coletivamente com auxílio de alunos da disciplina Processos Grupais, do ano de 1998.

comunitários da cidade de São Joao Del-Rei. Para definir e, posteriormente, analisar os processos grupais, o autor se baseia na concepção dialética de grupo e processo grupal de Baró e Lane, associada à concepção de Grupo Operativo de Pichón. Portanto, considera a partir de Lane (1994) o grupo como condição necessária para conhecer as determinações que agem sobre os indivíduos e que pensar o grupo como processo permite captar seu movimento permanente. Com Baró (1989), entende que a identidade grupal se traduz em normas de pertencimento e que, portanto, é maior que a identidade de cada membro. Para maior compreensão do processo grupal, o autor define conceitos como processo, identidade, afetividade, poder, sempre relacionando esses conceitos entre si. O autor ainda estabelece um paralelo entre a noção de identidade de Baró e a noção de atividade em Pichon, passando a destacar a importância da tarefa no processo de constituição do grupo.

Silva (2000) conclui que afetividade, identidade e poder estão sempre presentes no processo grupal e que o grupo apresenta permanentemente contradições e conflitos. Desse modo, os grupos “possibilitam fenômenos grupais produtores de identidade e ativadores da consciência, por outro lado, se constituem como espaços de apatia, descrença e dificuldades de articulação e participação social”. (p. 118)

Andrade (2002) foi a última orientanda de Lane a defender o tema grupo em sua tese de doutorado, “Mediações afetivas num grupo empresarial: um estudo de caso”. Nesse trabalho, estuda processos grupais, objetivando compreender a qualidade das mediações afetivas na relação intergrupal no interior de uma empresa. A autora utiliza os pressupostos psicologia sócio-histórica tendo como autores principais Vygotsky, Lane e Martin-Baró. Em seu capítulo teórico, a autora destaca as contribuições da Psicologia Social, analisando a dialética subjetividade e objetividade e as mediações que constituem essa dialética.

Essas formas de mediação são constituídas pelas emoções, linguagem, pensamento e grupos sociais, que estabelecem a mediação entre indivíduo e sociedade. Isto é, o ser humano sente, age, pensa e fala como sujeito da história da sociedade na qual realiza sua existência. (Andrade, 2002, p.23).

Sobre os grupos, a autora, baseada em Lane, defende que

todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em função das relações de produção e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização, como nas suas ações, reproduz a ideologia, que, sem um enfoque histórico, não é captada. (Andrade, 2002, p. 66).

A autora destaca em suas considerações finais que, nos encontros organizados fora da empresa, o grupo expressou emoções, pôde falar sobre tristezas e alegrias, vergonha, ciúmes etc., diferente dos encontros organizados na empresa, nos quais as emoções nunca eram expressadas e passa a considerar que o silêncio emocional é um fator de alienação do trabalhador. Para melhor compreender esse processo, a autora organiza encontros individuais e destaca que as emoções estão presentes, mediando todas as relações do grupo, mas que em alguns momentos não são expressadas. Por fim, ela defende que um “grupo só se transforma realmente em grupo quando tem a possibilidade de prestar atenção aos afetos envolvidos e à sua própria forma de operar e resolver os problemas que afetam o seu funcionamento”. (Andrade, 2002, p. 183-184). Finalizando, a autora destaca a necessidade de criação de novos modelos de gestão, que permitam a expressão dos afetos e, com isso, possibilitem que os grupos nas empresas sejam espaços de “bons encontros”. Nessa tese, a ênfase é dada aos afetos e em como eles, associados à reflexão, são capazes de promover reflexão ou manter a alienação.

Em 2005, Lane escreveu um texto curto intitulado “Caminhos percorridos”, escrito pouco antes de sua morte, cujo objetivo era apresentar a trajetória do seu pensamento e de suas ações na Psicologia Social, para introduzir uma publicação de seus textos inéditos<sup>4</sup>. Nele, a autora escreve sobre a disciplina de Dinâmica de Grupos, que esteve vinculada ao currículo da pós-graduação em Psicologia Social. Silvia relata que as teorias e

---

4 Alguns dos textos inéditos foram acessados para esta pesquisa e compõem a discussão aqui realizada. Com a morte de Silvia em 2006, os inéditos foram arquivados na Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg e, até o momento, não foram publicados.

técnicas discutidas nessa disciplina apontaram para o caráter ideológico dos estudos existentes sobre grupos e que essa compreensão a levou a buscar uma sistemática para a discussão dos processos grupais, sistemática que tentamos apresentar nesta análise.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

<p>Produções sobre Grupo: Orientações e outros escritos</p> <p><b>1974</b> - Atmosfera de pequenos grupos autocracia e democracia: dois estilos de liderança e socialização. (Orientação de Mestrado)</p> <p><b>1978</b> - Conflito no Grupo: segundo a teoria de campo de Kurt Lewin. (Orientação de Mestrado)</p> <p><b>1978</b> - Uma prática do Psicólogo Social numa área chamada clínica. (Trabalho publicado em Anais)</p> <p><b>1980a</b> - Trabajo em comunidade y processo grupal. (Palestra não publicada).</p> <p><b>1980b</b> - Uma redefinição da Psicologia Social. (Artigo publicado).</p> <p><b>1981</b> - Uma análise dialética do processo grupal. (Artigo publicado).</p> <p><b>1984</b> - O Processo Grupal. (Capítulo de livro).</p> <p><b>1997</b> - Processo Grupal Na Perspectiva de Ignácio Martin-Baro: Reflexões Acerca de Seis Contextos Concretos. (Artigo publicado).</p> <p><b>1988</b> - O processo grupal como condição de ensino e conscientização. (Orientação de Doutorado)</p> <p><b>1989</b> - Uma Psicologia social baseada no materialismo histórico e dialético: da emoção ao inconsciente. (Trabalho apresentado em congresso).</p> <p><b>1989</b> - Todos somos iguais (Só que alguns são mais iguais do que outros): Relações de poder e afeto num pequeno grupo. (Orientação de Mestrado)</p> <p><b>1994</b> - O sistema categorial: um modelo de análise dos grupos sob o paradigma da complexidade. (Orientação de Doutorado)</p> <p>[s/d] - Recherches sur processus grupale. (Artigo não publicado)</p> <p><b>1996</b> - Parar para pensar e depois fazer. (Entrevista publicada).</p> <p><b>1998</b> - O caminho dos sentimentos no grupo: Uma experiencia de processo grupal registrada pela câmera de vídeo. (Artigo não publicado).</p> <p><b>2000</b> - Diálogos: Uma psicologia para transformar a sociedade (Entrevista publicada).</p> <p><b>2000</b> - Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações. (Orientação de Doutorado)</p> <p><b>2002</b> - Mediações afetivas num grupo empresarial: um estudo de caso. (Orientação de Doutorado)</p> <p><b>2005</b> - Caminhos percorridos. (Artigo não publicado)</p>
---

Fonte: A autora

Figura 1. Linha do tempo do caminho percorrido por Silvia Lane na pesquisa sobre grupos.

Silvia Lane, importante pesquisadora da Psicologia Social Brasileira e Latino-americana, teve papel fundamental na compreensão dos processos grupais, em uma perspectiva materialista histórico-dialética.

Podemos com certeza afirmar que o trabalho mais conhecido de Lane sobre grupos, foi e continua sendo o “Processo grupal”, inserido no livro “Psicologia Social: o homem em movimento”. Esse texto nasce em 1981 com auxílio das discussões em sala de aula, na disciplina Pequenos Grupos. Nele, Lane critica as teorias tradicionais, que segundo ela fazem análises superficiais sobre os pequenos grupos, chamando-as de teorias a-históricas. Algumas reflexões propostas nesse texto, tal qual grupo como processo histórico, o grupo como inserido em uma totalidade que precisa ser incorporada na análise e, ainda, o grupo refletindo as contradições da sociedade e sendo condição para a sobrevivência dos indivíduos, foram apontadas já nos textos de 1980.

Quando Lane defende nesse texto o termo processo grupal, ela enfatiza o caráter histórico dos grupos e a importância de que toda análise compreenda o contexto no qual o grupo está inserido, assim como a trama complexa de relações que permite ou não a manutenção dos indivíduos nos grupos.

Fica evidenciado que essas reflexões passam a influenciar seus orientandos. Seus dois primeiros orientandos pesquisaram grupos com base em Kurt Lewin. No início dos anos 80, já estudando Vigotski e outros interlocutores, Lane altera o rumo das orientações. Seus mestrandos e doutorandos passam a pesquisar a partir de Pichon, Baró, Leontiev e Vigotski. Essas reflexões estão presentes nos textos posteriores e foram a cada novo texto aprimoradas.

No final dos anos 80, seus textos e de seus orientandos discutiam temas centrais na Psicologia Histórico-cultural, relacionando emoções, consciência, inconsciente e identidade nos processos grupais, com grande influência de Baró e com ele os conceitos de identidade de grupo, as relações de poder e o significado social. Essas reflexões permitem uma compreensão de que os objetivos são importantes para a formação do grupo, mas eles não dão conta da sua manutenção, exigindo de quem coordena uma compreensão de outras variáveis importantes no processo.

Questões como a importância da atividade e da afetividade na mediação dos processos de conscientização também foram apropriadas por Lane e seus orientandos.

Em todos os textos, mesmo que não diretamente, Lane destaca o papel do coordenador, defendendo que esse não deve responder às demandas do grupo, mas deve provocar/potencializar as reflexões. Lane, no papel de coordenadora, faz uma pergunta disparadora, uma pergunta que mobiliza as emoções dos integrantes do grupo. Uma pergunta, um exercício, uma imagem, seja qual o for o recurso usado o importante é compreender que o papel do coordenador é instigar a reflexão e, portanto, por mais que o encontro seja em grupo, as reflexões são individuais.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, Cecília Carmen Jacinto. (2002). Mediações afetivas num grupo empresarial: um estudo de caso. *Tese (doutorado)*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Psicologia Social e Organizacional. Orientadora Silvia Tatiana Maurer Lane.265p. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17282>
- Carvalho, Bruno Peixoto. (2014). A Escola de São Paulo de Psicologia Social: uma análise histórica do seu desenvolvimento desde o materialismo histórico-dialético. *Tese (doutorado)*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Psicologia Social. Orientadora Maria do Carmo Guedes. <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17047/1/Bruno%20Peixoto%20Carvalho.pdf>
- CFP - Conselho Federal de Psicologia (2012). *Silvia Lane: Estilo em Movimento* [Filme]. Projeto Memória da Psicologia Brasileira. São Paulo: Brasil. <https://filmow.com/silvia-lane-estilo-e-movimento-t206084/>
- Galano, Monica Haydee. (1989). Todos somos iguais (Só que alguns são mais iguais do que outros): Relações de poder e afeto num pequeno grupo. *Dissertação (Mestrado)*. Pontifícia Católica de São Paulo. Psicologia Social e Organizacional. Orientadora Silvia Tatiana Maurer Lane.271p.

- Galano, Monica Haydee. (1994). O sistema categorial: um modelo de análise dos grupos sob o paradigma da complexidade. *Tese (Doutorado)*. Pontifícia Católica de São Paulo. Psicologia Social. Orientadora Silvia Tatiana Maurer Lane. 253p.
- Lane, Silvia Tatiane Maurer. (1978). *Uma prática do Psicólogo Social numa área chamada clínica*. Anais VIII Reunião de Psicologia de Ribeirão Preto, 176-178.
- \_\_\_\_\_. (1980a). *Trabajo em comunidade y processo grupal*. (Palestra I Seminário Internacional de Psicologia em la comunidade). São Paulo. Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1980b). Uma redefinição da Psicologia Social. *Revista Educação & Sociedade*. São Paulo, 2 (6), 96-103.
- \_\_\_\_\_. (1981). Uma análise dialética do processo grupal. *Cadernos PUC São Paulo* n.11, p.95-107.
- \_\_\_\_\_. (1984). O Processo Grupal. In: Silvia Tatiana Lane; Wanderley Codo. (Org.). *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. [s/d]. *Recherches sur processus grupale*. São Paulo. Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1989). *Uma Psicologia social baseada no materialismo histórico e dialético: da emoção ao inconsciente*. Apresentado II Encontro Científico da ANPEPP. Gramado, RS. Abril.
- \_\_\_\_\_. (1998). *O caminho dos sentimentos no grupo: Uma experiência de processo grupal registrada pela câmera de vídeo*. São Paulo. Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1996). Parar para pensar e depois fazer: (Entrevista concedida a Antonio da Costa Ciampa, Omar Ardans e Suely Satow). *Psicologia & Sociedade*. 8 (1): 3-15; jan/jun.
- \_\_\_\_\_. (2000, maio/jun.). Diálogos: Uma psicologia para transformar a sociedade [Entrevista]. *PSI Jornal de Psicologia*, São Paulo, 18(122), 4-6.
- \_\_\_\_\_. [2005?]. *Caminhos percorridos*. São Paulo. Não publicado.

- Lane, Silvia Tatiane Maurer e Freitas, Maria de Fátima Quintal de . (1997). Processo Grupal Na Perspectiva de Ignácio Martin-Baro: Reflexões Acerca de Seis Contextos Concretos. *Interamerican Journal of Psychology*, São Paulo, v. 31, n.2, p. 293-308.
- Martins, S.T. (1987). Desenvolvimento da consciência do militante político: elementos para uma análise. *Dissertação (Mestrado)*. Pontifícia Católica de São Paulo. Psicologia Social e Organizacional. Orientadora Silvia Tatiana Maurer Lane.
- Pimentel, Alessandra. (2001). O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, (114), 179-195. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742001000300008>
- Peraro Filho, Carlos. (1978). Conflito no Grupo: segundo a teoria de campo de Kurt Lewin. *Dissertação (Mestrado)*. Pontifícia Católica de São Paulo. Psicologia Social e Organizacional. Orientadora Silvia Tatiana Maurer Lane. 66p.
- Peraro Filho, Carlos. (1988). O processo grupal como condição de ensino e conscientização. *Tese (Doutorado)*. Pontifícia Católica de São Paulo. Psicologia Social e Organizacional. Orientadora Silvia Tatiana Maurer Lane. 270p.
- Sanches, Renate Meyer. (1974). Atmosfera de pequenos grupos autocracia e democracia: dois estilos de liderança e socialização. *Dissertação (Mestrado)*. Pontifícia Católica de São Paulo. Psicologia Social e Organizacional. Orientadora Silvia Tatiana Maurer Lane.306p.
- Sawaia, B. B. (2002). *Silvia Lane*. Rio de Janeiro: Imago Ed. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia. (Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira).
- Silva, Célia Maria Marcondes Ferraz. (2012). Por uma Psicologia Social Brasileira: Silvia Tatiane Maurer Lane. *Tese (doutorado)*. Pontifícia Católica de São Paulo. Psicologia Social. Orientadora Maria do Carmo Guedes. 157p.

Silva, Marcos Vieira. (2000). Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações. *Tese (doutorado)*. Pontifícia Católica de São Paulo. Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Social. Orientadora Silvia Tatiana Maurer Lane.131p.

Sousa, Esther Alves de. (2008). SILVIA TATIANE MAURER LANE: dissertações e teses orientadas no programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social na PUC SP – uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil. *Tese (doutorado)*. Pontifícia Católica de São Paulo. Psicologia Social. Orientadora Mitsuko Aparecida Makino Antunes. 232p. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17269>

*Recebido em 23/05/2023*

*Aceito em 17/03/2024*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.